

## **RESENHA DE SOCIOLOGIA DA LEITURA**

### **REVIEW OF THE SOCIOLOGY OF THE READING**

Daniele Trevelin Donato\*  
Vicentônio Regis do Nascimento Silva\*\*

As mais recentes pesquisas indicam que o brasileiro lê, em média, 1,3 livros ao ano. Se consideradas as técnicas e didáticas, as obras lidas chegam a quatro. Já os gaúchos consomem cinco vezes mais do que a média nacional e pouco menos do que os nove títulos assimilados pelos franceses em igual período. Os dados fomentam discussões e congressos que buscam compreensão das relações que alçam a leitura a objeto de teses científicas, artigos acadêmicos e livros.

As relações proporcionadas pela leitura são importantes não apenas na elaboração de discursos políticos de países em desenvolvimento, mas também no redimensionamento da identidade de leitores. Pesquisadores no Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS), Chantal Horellou-Lafarge e Monique Segré lançam *Sociologia da leitura*, obra dividida em cinco capítulos que abordam desde o suporte por meio do qual os destinatários são atingidos, passam por suas ligações institucionais e escolares, analisam as práticas culturais e, ao fim, examinam as modalidades desenvolvidas concomitantemente aos processos sociais e às novas formas de comunicação.

---

\* Graduanda em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP – campus de Assis/SP). Integrante da Comissão Organizadora e da Comissão Executiva da pesquisa “Leituras na adolescência”, desenvolvida em escolas públicas do interior paulista. Professora da rede pública.

\*\* Doutorando em Letras/Estudos Literários pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Mestre em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP – campus de Assis/SP) e especialista em História Social e Ensino da História pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Presidente da Comissão Organizadora e da Comissão Executiva da pesquisa “Leituras na adolescência”, desenvolvida em escolas públicas do interior paulista. Autor de *O controle do Imaginário & A afirmação do romance* (Revista Letrônica – PUCRS, 2009) e *Patrimônio Cultural* (Revista Patrimônio e Memória - UNESP, 2009).

A introdução esclarece que a leitura tornou-se atividade tão natural quanto a bebida, a comida, o vestuário ou o sono, salientando sua capacidade múltipla tanto nos tipos – econômica, jurídica, jornalística – quanto na interpretação – realçando a produção individual de significados. Constitui, na prática, necessidade cotidiana: lê-se sem se perceber ou para se informar, folheando distraidamente revistas, concentrando-se em receitas culinárias, decifrando alegorias filosóficas e literárias, facilidades de empréstimos em prospectos publicitários ou em contratos bancários.

Reconstruindo panoramicamente as origens da narrativa, os pesquisadores sustentam que as aproximações iniciais com a leitura acontecem por meio da oralidade: o primeiro contato da criança com o livro vem da voz (enfática, recuada, ponderada) e do olhar (recheado de trejeitos, assombros, estupefações) do contador de histórias. O aumento populacional, a densidade das relações sociais e a dificuldade de memorização transformam a escrita em principal suporte de armazenamento de informações. Repetições, modulações de voz ou pirotecnias do olhar mostram-se insuficientes na transmissão de dados.

No princípio, as técnicas de escrita sofrem desconfiças. Apontando a superioridade da oratória, Sócrates argumenta que o livro embarçaria seu autor já que este não estaria presente quando surgissem as dúvidas. Mudando gradativamente de suporte – sai da argila, abre espaço no papiro e chega ao códice – a escrita desenvolve mecanismos de aperfeiçoamento (parágrafo, pontuação, letras maiúsculas e minúsculas), buscando a decifração sofisticada dos inúmeros sentidos. A construção de sentidos múltiplos e a elaboração de artigos expressando pontos de vistas conflitantes ou convergentes são possíveis graças a fatores externos como, por exemplo, a experimentação formal, que permite a competição entre jornais e livros, acelerada pela circulação de periódicos que apostam na iconografia colorida.

O hábito de ler dissemina-se inicialmente na elite sócio-econômica. As instâncias religiosas constataam os benefícios que ultrapassam limites temporais e geográficos, incentivando a alfabetização para os fiéis terem acesso à bíblia. Em seguida, apropria-se o Estado da prática da leitura com vistas não apenas a utilizá-la como pressuposto de conhecimento e de emancipação do indivíduo, mas também de impulsionar propagandas, inseridas subliminarmente nos almanaques.

A circulação de impressos, o acesso aos seus conteúdos, a diminuição de custos e a variedade de informações transformam a leitura em prática silenciosa, individual e

ilimitada. As mulheres lançam-se mais aos romances do que os homens que, de maneira geral, procuram instruir-se nos clássicos. Nas últimas décadas do século XIX, as crianças ocupam o campo literário por meio das, entre outras, fábulas dos Irmãos Grimm. Os leitores adquirem ecletismo à medida que não se submetem aos textos religiosos ou instrutivos, mas desejam liberdade e entretenimento. A liberdade de criação – e, principalmente, de assimilação – avoluma os transtornos aos escritores, acusados de corromper mulheres e crianças. A censura intensifica o refinamento literário: para fugir dela, desenvolvem-se e esmeram-se as figuras de linguagem (eufemismo, alusão, ironia, ambigüidades, sinestesia etc).

As escolas francesas do século XIX alfabetizam as crianças com a finalidade de torná-las aptas a adivinhar letras e sílabas, sem habilitá-las à compreensão simbólica e contextual: “Decifrar ainda não é ler, aprender o sentido do texto”. (p. 74) O letramento infantil depende tanto da instituição pedagógica quanto dos genitores. O trabalho dos pais tem papel crucial ao hábito da leitura. Os de classes econômicas menos favorecidas são os que mais estimulam, entretanto falta-lhes embasamento cultural à indicação de obras que abram horizontes. Os hábitos difundem-se de acordo com o grupo social: operários dedicam-se às notas esportivas; professores e políticos optam pelo romance e ficção em geral – provavelmente no intuito de ampliar o vocabulário, dominar conhecimentos e aplicar eficientemente as técnicas narrativas em seus respectivos campos de atuação. O estímulo afetivo e a circulação do conhecimento são pressupostos dos adolescentes. Embora leiam sozinhos, precisam de amigos com os quais comentem, critiquem, elogiem ou complementem suas impressões. Leitura é essencialmente troca de impressões.

A intensidade e os tipos de leitura alternam-se segundo o sexo e o repertório do leitor. O comum aventura-se em romances não necessariamente pelos desafios literários: deseja ensinamentos de vida, comparando sua história à do livro, identificando amores frustrados, curando suas dores, construindo projetos pessoais oníricos. Os mais experientes ou profissionais arriscam-se na densidade; os diletantes ou iniciantes, repertório frágil, deslançam pelas obras práticas, que orientam como fazer atividades específicas ou agir em determinadas situações.

A leitura é fonte de diálogos, de discussões; leitura e diálogo se nutrem e reforçam – a não ser que revelem e ressaltem um desacordo, uma antinomia, uma incompatibilidade – a ligação existente entre as pessoas em causa. Diz-me o que lês, o que gostas de ler, e eu te direi quem és, poderia ser um provérbio. (p. 126)

Os pesquisadores defendem – com visão voltada ao cotidiano europeu ou, mais especificamente, ao francês já que, no Brasil, apostas semelhantes figuram menos na condição de difusão do que na vitrine das bandeiras politicamente corretas e financeiramente permutáveis pelos recursos públicos – que a televisão colabora com o livro. Os programas literários repletos de vozes e de imagens assumem o papel inicial da leitura. A oralidade e a abordagem concisa auxiliariam na divulgação da obra literária que, na pós-modernidade, menos linear, mais fragmentada, busca os interesses efêmeros, satisfeitos em trechos ou capítulos.

Transforma-se a leitura, entretanto não se acaba com ela. A ortodoxia abre espaço à polissemia, as necessidades do leitor influenciam na escolha de seus títulos, os confrontos dos mercados editoriais ensaiam intervenções nos costumes. Os grupos sociais de escritores e leitores movimentam-se intensamente, aumentando a circulação de obras e de ideias, nem sempre promovendo as reflexões necessárias, advindas de mergulhos nos mares de símbolos.

Existe hoje uma profusão de textos para ler. As incessantes novidades oferecidas pelas editoras acumulam-se sem deixar às vezes mesmo ao leitor eventual o tempo de ler, de imergir-se no texto, de esquecer-se na leitura ou de saboreá-la. Uma leitura expulsa a outra. O “é preciso ler” repetido nem sempre é convincente, nem acompanhado de efeito porque o gosto pela leitura é frequentemente rebelde, nem sempre se curva às injunções dos especialistas atilados ou às incessantes seduções publicitárias. A leitura continua sendo uma prática sempre errante e incontrolável. (p.148)

Logo, *Sociologia da leitura* arrisca-se na elaboração de exitoso panorama historiográfico, econômico, sociológico e literário desde os primeiros passos – ainda na oralidade, considerando as múltiplas possibilidades de leitura – até os dias de internet – em que se constata a fragmentação ao se tentar absorver textos longos e de demorada assimilação. Entre os pontos positivos, o didatismo da obra, que permite, através de quadros sinóticos, linguagem fluente e diálogo com tecnologias contemporâneas, a qualquer leitor – profissional, experiente, diletante ou iniciante – descobrir os mecanismos de construção do conhecimento, servindo de apoio tanto a acadêmicos – devotados às pesquisas das relações sociológicas, pedagógicas, literárias ou filosóficas – quanto aos professores que desejam estimular o hábito entre os alunos, entretanto,

antes, precisam fomentar a prática em contextos – como é o caso brasileiro – bem distantes da estrutura física, intelectual e econômica francesa.

### **Referência**

LAFARGE, Chantal, Horellou; SEGRÉ, Monique. *Sociologia da leitura*. Tradução: Mauro Gama. Cotia: Ateliê Editorial, 2010.

Recebida em março de 2013.

Aceita em junho de 2013.